

O Estado Islâmico: insurgente, não terrorista

O Estado Islâmico (EI) do Iraque e da Síria ou Estado Islâmico do Iraque e do Levante surgiu a partir de vários grupos insurgentes sunitas que lutaram no Iraque contra as forças de ocupação lideradas pelos Estados Unidos. A partir da região sunita iraquiana, ele acabou se envolvendo na guerra civil síria e, rapidamente, tornou-se conhecido como um dos mais extremistas e brutais grupos jihadistas atualmente em atividade.

Há outros grupos islâmicos que usam a extrema violência, como o Boko Haram, na Nigéria, e o Al-Shabaab, na Somália, e todos eles proclamaram os seus califados. A emergência desses grupos engloba uma série de razões que vão além do simples apelo islâmico e estão relacionadas com os problemas político-sociais nas áreas em que surgem e atuam. Esses grupos pregam a constituição de um mundo melhor contra a opressão das elites, a má governança, a corrupção e as ações arbitrárias e violentas do Estado. Ou seja, o Estado Islâmico, assim como os demais grupos, prega a utilização do islão como forma de mudar o estado das coisas criando uma nova sociedade (islâmica) que estaria protegida dos valores ocidentais ditos como responsáveis pelos problemas existentes nas áreas em que atuam.

O radicalismo se apoia numa causa ideológica e não interessam os meios para se obterem os fins. Ou seja, o discurso se dá no sentido de que o objetivo é construir um novo Estado com disciplina e ordem, socialmente responsável por meio da estrita aplicação dos valores e leis islâmicas. Para isso, não importa o grau de violência a ser utilizado. Como, em sociedades colapsadas, é fácil conseguir adeptos e doutriná-los ideologicamente, o EI se aproveitou do colapso social e político na Síria, em decorrência da guerra civil, e no Iraque,

em razão da reconstrução do Estado realizada pelos norte-americanos, para ganhar força e adeptos, o que permitiu a conquista de vasto território nesses países. O apelo ideológico e religioso permitiu tanto o recrutamento local como a incorporação de voluntários vindos de todo o mundo árabe. A luta contra o governo xiita do Iraque (considerado opressor pela comunidade sunita) e contra o ditador Bashar al-Assad, da Síria, somada ao apoio que dá aos seus integrantes e às populações pelas quais supostamente luta, permitiram ao grupo angariar adeptos. Atualmente, o EI congrega sunitas, iemenitas, sauditas e turcos, dentre outros.

Chamado de **terrorista** pelos **EUA**, o grupo radical é, na verdade, **insurgente**, pois **procura** derrubar os regimes de **Síria e Iraque**, opressores dos sunitas

O EI foi classificado como terrorista pelos Estados Unidos e seus apoiadores. O terrorismo pode ser entendido como um método ou lógica de ação praticado por um indivíduo ou grupo que usa da violência (ou ameaça usá-la) para causar a morte ou infligir danos. Isso cria uma atmosfera de terror que intimida uma população e pode obrigar os poderes públicos de um país ou uma organização internacional a agir de determinada maneira, visando desestabilizar ou destruir suas estruturas.

Já a insurgência tem relação com revolta, com uma rebelião em oposição a uma autoridade. Em sua forma radical, inclui o uso de armas para destruir o governo

ou a organização social em vigor. Apesar da dificuldade em definir os dois termos e da fronteira que separa ambos não ser clara, se o objetivo do Estado Islâmico é derrubar o regime da dinastia Assad na Síria e o regime antissunita instalado de maneira errada no Iraque pelos norte-americanos, a fim de estabelecer em seu lugar um novo regime islâmico que permitirá a construção de uma sociedade mais justa baseada no estabelecimento do califado, o grupo seria insurgente e não terrorista.

A utilização do termo califado por grupos radicais teria relação com o fascínio que ele desperta, ao evocar um período histórico de projeção da civilização islâmica, de seus valores e tradições. Para os sunitas, o califado representa o desejo de reviver a antiga organização que se estabeleceu sob a liderança dos califas que sucederam ao profeta Maomé. Eles lideraram os vários "califados" que se formaram desde a Espanha até a África, incluindo o Oriente Médio e o Império Otomano. A proclamação do califado pelo Estado Islâmico seria o estabelecimento da antiga organização islâmica dos califas na Síria e no Iraque.

O Estado Islâmico pode até ser derrotado militarmente, e provavelmente será, uma vez que a coalizão internacional formada compreende países com enorme poder militar. Mas a sua erradicação dependerá de como serão desenhados, no futuro, o Estado e a sociedade, na Síria e no Iraque, pois aí reside a causa profunda do surgimento e crescimento do grupo. Em uma maior extensão, a não proliferação de grupos radicais desse tipo só ocorrerá com a construção de Estados mais justos e sociedades mais desenvolvidas em todo o mundo islâmico.

Sérgio Luiz Cruz Aguilar é professor da FFC, Câmpus de Marília. Coordenador do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Conflitos Internacionais (GEPICI) e do Observatório de Conflitos Internacionais (OCI)